

## POPULAÇÕES RIBEIRINHAS DA AMAZÔNIA E PRESERVAÇÃO DA CULTURA TRADICIONAL – DILEMAS EM UMA SOCIEDADE GLOBALIZADA

VASCONCELOS, Valéria Oliveira – UFSCar – [valvasc2003@yahoo.com.br](mailto:valvasc2003@yahoo.com.br);

SIQUEIRA, Cristiano Tierno – UFSCar – [cristianotierno@uol.com.br](mailto:cristianotierno@uol.com.br)

### **Resumo:**

O presente artigo trata de uma experiência de Educação Popular e círculos de cultura inseridos no processo de formação do Conselho Deliberativos de duas Reservas Extrativistas – Riozinho do Anfrísio e do Rio Iriri – localizadas na Terra do Meio, região da Amazônia paraense. O fortalecimento comunitário baseado na participação e em práticas dialógicas parece ser uma das alternativas às pressões sofridas numa região cujos interesses são conflitantes e ambíguos, uma vez que os atores sociais são tão díspares como a intencionalidade que os aproxima ou distancia. A metodologia utilizada e as experiências vividas podem servir como parâmetros para atuações com populações tradicionais, residindo estas ou não em unidades de conservação. É importante alertar, entretanto, que os problemas aqui diagnosticados são regionais e, portanto, as soluções para estes foram compreendidas dentro de suas especificidades e idiosincrasias.

**Palavras-chave:** Educação Popular; Amazônia; populações tradicionais; alfabetização; círculo de cultura; movimentos sociais; globalização.

### **Abstract**

This article relates a Popular Education's and culture circles experiency inserted in the process of Deliberative Councils formation of two conservation unities – Anfrísio little river and Iriri river – situated at Midle Land, at Amazon region. Community empowerment, based on participation and dialogue practices seems to be one of the alternatives to the struggle and pressure on the region, where the interests are conflitants, once the social actors are as distincts as the intencionality that make them near or far from one another. The methodology and the living experiences may serve as parameters to other actuations with traditional population, staying or not in conservation unities. Its important to alert, however, that the problems here identified are regional and, for this, the solutions to them were understood within their specificities and idiosincrasias.

**Keywords:** Popular education; Amazon; traditional population; alfabetization; culture's circles; social movements; globalization.

## *Primeiras palavras*

*Nós não queremos defender só o meio, nós queremos defender o ambiente inteiro (Osmarino Amâncio).*

A Amazônia vem, nas últimas décadas, sendo foco dos mais distintos olhares, desde diferentes países, a partir de diferentes interesses, ocupando, cada vez mais, papel protagonista nas discussões que envolvem temas como *desenvolvimento e ambientalismo*. Esses interesses com relação à Amazônia são, além de conflitantes, bastante ambíguos, uma vez que os atores sociais são tão díspares como a intencionalidade que os aproxima ou distancia:

Apesar de uma polarização aparente entre desenvolvimentistas e ambientalistas, os elementos conflitantes não se constituem em blocos homogêneos. Nessa arena inúmeros atores sociais podem ser identificados, tais como o empresariado nacional e regional, empresas multinacionais com interesses econômicos da região, e outros com influência nacional como os militares, que buscam reconquistar influência na geopolítica da região (GARNELO e SAMPAIO, 2005, p.762).

As discussões sobre a Amazônia congregam desde aqueles que buscam sua preservação e a manutenção da “*floresta intocada*” (Diegues, 2001), até aqueles que são seduzidos por sua riqueza imensurável, perpassando por incontáveis subjetividades nessa complexa teia de relações que configura a vida em uma sociedade que se mostra cada vez mais global. Para Porto Gonçalves (2008), a Amazônia é plural, não singular: *Amazônia, Amazônias*. Nessa extensa região, que ocupa nove Estados brasileiros e mais da metade do solo nacional, na *pátria das águas* como chamou Tiago de Mello, existem e co-existem a maior biodiversidade do planeta, recursos naturais inestimáveis, um patrimônio natural e cultural de dimensões proporcionais à amplitude de seu ecossistema.

Com menos frequência se fala, entretanto, daqueles que vivem *na e da* floresta; pouco aparece a figura do “outro”, como falam Whitaker e Fiamengue (2002), que seria representado por *todas as populações tradicionais (camponeses, índios, silvícolas, etc.) exploradas pelo sistema econômico, com suas perversas articulações* (p.20). As autoras alertam para um duplo preconceito sofrido por essas populações, que se demonstra quando, ao buscar resguardar seu equilíbrio em relação ao meio ambiente, resistindo ao avanço do

sistema e defendendo sua cultura e tradicionalidade no manejo do ecossistema, são acusados de *primitivos*, de *selvagens* e *retrógrados*. Por outro lado, quando cedem às pressões do mercado e passam a atuar conforme suas regras, são acusados de não tradicionais, de destruidores do meio ambiente, *o qual na maior parte das vezes já fora impactado por aquelas mesmas forças econômicas, as quais acabarão por destruir qualquer resistência à integração*. Resumindo, *se lutam para se integrar estão degradando o meio ambiente e se resistem estão impedindo o progresso* (p.20).

Esses povos da floresta vivem em um turbulento cenário cujas pressões e conflitos são de difícil superação. Além disso, para Garnelo e Sampaio (op.cit.), *a ação governamental permanece contraditória, ora concedendo incentivos e redução de impostos a atividades predatórias, ora viabilizando medidas de proteção ambiental* (p.762)

### ***Dos seringueiros e suas lutas***

Dentre os movimentos sociais existentes na Amazônia, um merece, particularmente, uma maior atenção no sentido de compreender quem são as pessoas com quem trabalhamos e nos relacionamos na experiência aqui sistematizada: o movimento dos seringueiros.

Os ciclos da borracha, no Brasil, ocorreram principalmente entre 1850 e 1970, e caracterizaram-se por migrações de várias partes do país, em sua maioria das regiões nordeste e norte. Os “soldados da borracha” – como ficaram posteriormente conhecidos os homens que foram para a Amazônia e trabalhavam na extração do látex das seringueiras, na formação das “estradas” e na construção das colocações onde iriam residir – tiveram que adequar-se a um contexto absolutamente desconhecido, somando seus conhecimentos agrícolas aos saberes aprendidos com as populações indígenas, muito embora essas relações caboclo-indígenas tenham sido bastante conflituosas e não raro, pouco amistosas.

As lutas sociais desse movimento culminaram na conquista de políticas públicas específicas de preservação e conservação da natureza e dos valores e cultura das populações tradicionais não indígenas, as *Reservas Extrativistas*.

### ***Das Reservas Extrativistas***

Segundo o Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza (SNUC), as *Reservas Extrativistas* (RESEX)<sup>1</sup> são áreas utilizadas por populações extrativistas tradicionais, que vivem da agricultura de subsistência, da criação de animais de pequeno porte e da extração de recursos naturais da floresta; o objetivo principal dessas unidades de conservação é a proteção da cultura e das formas de vida dessas populações, além dos recursos naturais existentes na área. (LEI Nº 9.985, de 18 de Julho de 2000, Art. 18º, p. 7).

De acordo com Osmarino Amâncio (2004), militante notório nas lutas pela criação dessas áreas protegidas, os seringueiros, que não tinham tradição de coletividade, muito pelo isolamento em que viviam na floresta, começaram a organizar-se como movimento social num momento de luta por sobrevivência e manutenção de seus modos de vida. Para ele, se hoje muito se fala de desenvolvimento sustentável, essa prática já era comum entre os índios e os seringueiros há muitos anos.

A conquista dos seringueiros por áreas protegidas se expandiu por todo o território nacional<sup>2</sup> e a pluralidade das populações que nela residem segue sendo a marca das lutas desses movimentos sociais, na busca por garantir direitos humanos básicos. Ocorre que, para a implementação legal de uma RESEX é necessário a elaboração de um *Plano de Manejo* que consiste, grosso modo, na definição, *junto* com a comunidade, das regras de uso em que irão se pautar seus moradores e os possíveis parceiros.

A experiência aqui relatada trata, especificamente, de alguns dos passos rumo à elaboração do Plano de Manejo de duas RESEX<sup>3</sup> - Rio Iri e Riozinho do Anfrísio - e de seu diálogo com a Educação Popular, com vistas a problematizar o desafio da preservação de sua cultura tradicional em uma sociedade globalizada. Os círculos de cultura tomaram lugar nos beira dos rios Iri e Anfrísio, nas salas e galpões construídos em madeira, taipa e palha de babaçu, com os beiradeiros, com os ribeirinhos, com homens e mulheres que têm sua história profundamente arraigada na Terra do Meio, buscando um diálogo encharcado nos símbolos e significados de seu cotidiano:

---

<sup>1</sup> Para maior aprofundamento sobre a tipologia das áreas protegidas no Brasil ver Medeiros, Rodrigo. Evolução das tipologias e categorias de áreas protegidas no Brasil. *Ambiente & Sociedade* – Vol. IX nº. 1 jan./jun. 2006.

<sup>2</sup> Atualmente existem RESEX em que residem diferentes grupos de populações tradicionais, tais como ribeirinhos amazônicos, babaqueiros, caiçaras, pescadores artesanais, quilombolas, entre outros.

<sup>3</sup> Para a criação do Plano de Manejo é necessário, inicialmente, que se realize um diagnóstico socioeconômico da unidade de conservação, o cadastramento de seus moradores e a formação do Conselho Deliberativo. Para esse trabalho foi contratada, entre abril de 2006 e junho de 2007, uma consultoria técnica da qual fizeram parte os autores desse artigo.

Educador e educandos (lideranças e massas), co-intencionados à realidade, se encontram numa tarefa em que ambos são sujeitos no ato, não só de desvelá-la e, assim, criticamente, conhecê-la, mas também no de recriar esse conhecimento (Freire, 1977, p.61).

### *Da Terra do Meio e da População Ribeirinha*

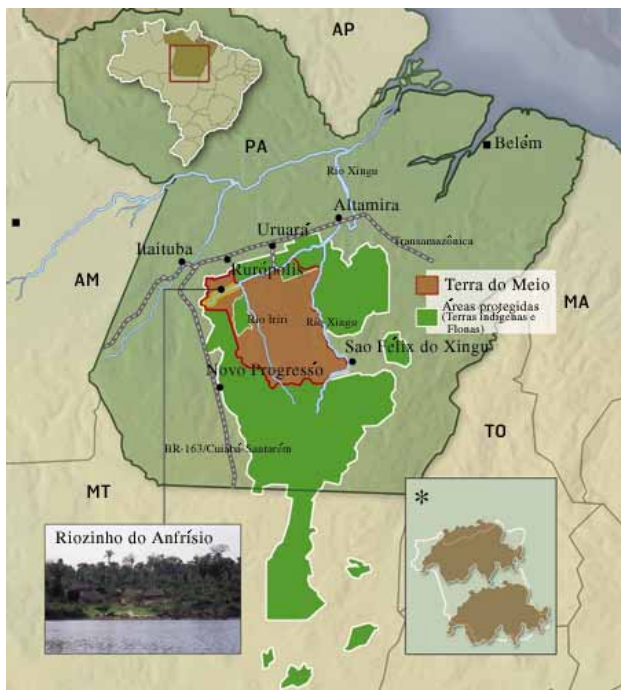


Figura 1 – Terra do Meio e RESEX Riozinho do Anfrísio

A Terra do Meio, localizada no Estado do Pará, na bacia hidrográfica do Rio Xingu, é uma região riquíssima em biodiversidade e se constitui em um dos maiores mosaicos de áreas de conservação do mundo. Nessa região encontram-se Unidades de Conservação Federais e Estaduais, como Terras Indígenas, um Parque Nacional, uma Estação Ecológica (ESEC), uma Floresta Nacional (FLONA), uma Floresta Estadual (FLOTA), uma Área de Proteção Ambiental Estadual (APA) e duas Reservas Extrativistas.

A população residente nessa área é remanescente dos “soldados da borracha”, e ali permaneceu mesmo após o declínio econômico da demanda por látex amazônico. Esses ribeirinhos residem, em sua maioria, às margens de rios, igarapés, igapós e vivem basicamente do extrativismo:

*Os recursos naturais da floresta possuem usos distintos entre os ribeirinhos habitantes da RESEX<sup>4</sup>. Para alguns a pesca, assim como a agricultura, é utilizada somente como subsistência, ao passo que para outros é também fonte de renda. O mesmo ocorre com outros produtos como mel, ervas medicinais, frutos comestíveis e frutos dos quais se extraem óleos (copaíba, andiroba,*

<sup>4</sup> Os relatórios que tratam do diagnóstico socioeconômico, cadastramento e formação do Conselho Deliberativo das duas RESEX mostram que o uso da floresta em ambas unidades é bastante coincidente.

*patauá e babaçu). A madeira é utilizada, em geral, para a construção de casas ou canoas e lenha para cozinhar. A caça é realizada somente para alimentação (SALAZAR, et. al. 2008, p.27).*

As duas RESEX encontram-se bastante isoladas geograficamente. Altamira é considerado o maior município do Brasil e do mundo em extensão territorial<sup>5</sup>. Desde a sede do município até a última localidade<sup>6</sup> da RESEX do Riozinho do Anfrísio pode-se levar entre cinco e quinze dias de viagem em barco, dependendo da estação do ano. Além disso, a distância entre as casas/localidades dentro das próprias RESEX é bastante grande, sendo comum um trajeto de 20/30 quilômetros de rio para encontrar a próxima casa.

A população da RESEX do Rio Iriri é de 235 habitantes, distribuídos em 51 famílias entre 23 localidades. A maior concentração populacional é na Localidade Ilha do Amor, com 30 moradores de 07 famílias. Na localidade Pati 1 só há um morador (SALAZAR, 2008a).

A população do Riozinho do Anfrísio é de 261 habitantes, distribuídos entre 52 famílias. A localidade de maior concentração populacional é o Morro Verde, com 53 habitantes e nove famílias, e a de menor é o Largo Bonito, com apenas um morador (SALAZAR, 2008b).

A educação se pauta fundamentalmente na oralidade, sendo os conhecimentos transmitidos de pai/mães para filhos/filhas, no cotidiano, na solidariedade, no aprendizado ancestral em profunda relação com a natureza. *Esses valores estão presentes no cotidiano e nas memórias das comunidades, temperando as receitas de óleos de babaçu, os remédios da floresta, ou mesmo os cuidados com a mata e seus bichos (SALAZAR, op. cit., p.57).* As crianças nascem, em sua maioria, das parteiras residentes na região. Filhos e filhas de ribeirinho@s nascem, normalmente, com *várias mães*: aquelas que os “pega” do *mundo da mãe* e os recebe no *mundo de fora* (“mães de pegação”, como são chamadas as parteiras); aquela que os “amadrinha”; aquela que escolhe ou é escolhida para criar de uma outra criança que não é sua biologicamente, mas que passa a ser filh@ por toda a vida<sup>6</sup>. Assim, a *teia* de cuidado com a criança se amplia enormemente; com uma extensa rede de parentesco, as crianças são cuidadas por tod@s (ou quase todos) @s adult@s vivem na

5 Se o município de Altamira fosse um país, seria o 91º país mais extenso do mundo, maior que Grécia e Nepal e quase do mesmo tamanho que Tunísia, Suriname e Uruguai. Se fosse um estado brasileiro, seria o 16º maior, um pouco menor que o Paraná e maior que o Acre e o Ceará.

6 As pessoas vivem em pequenos agrupamentos de casas - que recebem nomes de localidades - em sua maioria com relações de parentesco, e os nomes dados a esses locais refletem um pouco do que representam para seus moradores: Riso da Noite, Novo Paraíso, Bom Jardim, Morro Verde, Boa Saúde, Pai e Filho, Alto Alegre, Boa Esperança, Ilha do Amor, Santa Paz, entre outros.

6 É comum na região que crianças sejam criadas por outras mulheres, por motivos inúmeros e diversos – como a impossibilidade de criá-los, a crença de que com outra mãe seria melhor cuidado, a formação de uma nova família, entre muitos outros assentados na formação social local – e conviverem com as mães de perto ou à distância, não perdendo a referência da maternidade. Assim uma criança ou adulto pode ter várias “mães”: a mãe biológica, a “mãe de pegação”, a madrinha e a mãe de criação.

região. A educação das crianças é dever de todos e se dá em distintas *comunidades aprendentes* (Brandão, 2005) cotidiana e endogenamente, tradicionalmente, ancestralmente. É nessa forma de educação, intrinsecamente baseada na oralidade, em que a comunidade foi conformada. As escolas formais existiram na região somente na época do ciclo da borracha, com os barracões e colocações mais estruturados (aproximadamente nas décadas de 1940/1950), e mesmo assim de forma pontual e por tempo restrito. A consequência dessa negação de direitos foi um índice diagnosticado de cerca de 80% de analfabetismo nas duas RESEX:

*A persistência do analfabetismo é um dos indicadores mais significativos da desigualdade política, socioeconômica e cultural, limitando o valor essencial da dignidade humana. A presença de analfabetismo se associa sempre a situações de subdesenvolvimento, marginalização ou isolamento. [...] A geografia do analfabetismo vem a coincidir quase exatamente com a da pobreza, com escassas exceções (Torrado, 1991, p. 51).*

### ***Da valorização do modo tradicional de vida***

As prerrogativas legais que regem as RESEX orientam fortemente a necessidade de que todas as iniciativas levadas a cabo sejam pautadas no diálogo e na participação das comunidades tradicionais envolvidas/afetadas. O discurso governamental atual reflete a intencionalidade política de um partido originariamente nascido nos movimentos sociais e, mesmo que a efetivação desse discurso “*não se dê por decreto*”, indica um caminho democrático de transformação social.

Não se pretende aqui aprofundar as contradições discurso/prática nas diversas esferas do governo vigente e/ou anteriores; compensa alertar, entretanto, o uso histórico de discursos progressistas por parte das elites para manter as classes oprimidas onde estão. Uma das denúncias de Freire com relação à educação bancária remete a práticas semelhantes: *o educador é o que atua; os educandos, os que têm a ilusão de que atuam, na atuação do educador* (Freire, 1977, p.68). Muitas *metodologias participativas* têm servido somente para *legitimar* processos autoritários travestidos de dialógicos: os responsáveis por conduzir um processo de gestão participativa acabam por impor suas idéias e ideais, muitas vezes munidos da melhor das intenções, sem se dar conta de que *a luta pela libertação dos*

*oprimidos não é doação que lhes faça a liderança, mas resultado de sua conscientização* (Freire, op.cit., p.58).

Os objetivos de se criar um Conselho Deliberativo nas RESEX é garantir uma maior compreensão e integração entre os atores sociais que atuam na região, desde seus aspectos históricos, sociais, culturais na busca por formas democráticas de gerir a unidade, sempre na busca de proteger as comunidades tradicionais que ali vivem e de referendar e/ou aperfeiçoar práticas sustentáveis de uso dos recursos naturais da floresta.

Considerando que a criação das Reservas Extrativistas representa, ainda hoje, uma grande conquista de movimentos sociais<sup>7</sup>, demos início a um processo de leitura de mundo e de problematização desse mundo vivido com a população, para, com esse olhar ampliado, buscar formas de fortalecimento local.

Os *círculos de cultura* foram formados em quatro localidades distintas em cada RESEX, escolhidas pelas comunidades, e neles foram discutidas as questões mais relevantes relacionadas ao cotidiano das populações envolvidas. O *tema gerador principal* que moveu os participantes foi a *formação do Conselho Deliberativo*<sup>8</sup>, no qual estavam implicadas discussões sobre sustentabilidade, produção, comercialização, territorialidade, valores e pertencimento. A leitura de mundo, pois, partiu dos saberes que jovens e adultos possuíam da realidade em que se inserem e, posteriormente, da problematização dessa leitura para, a partir dela, propor formas de superação dos problemas identificados:

*Mais que escrever e ler [...] os alfabetizados necessitam perceber a necessidade de um outro aprendizado: o de “escrever” a sua vida e o de “ler” a sua realidade, o que não será possível se não tomam a história nas mãos para, fazendo-a, por ela serem feitos e refeitos* (Freire, 1982, p.16).

Os encontros de alfabetização ocorreram diariamente, por cerca de quinze dias em cada RESEX e os educadores populares foram formando-se no processo, na convivência diária com os ribeirinhos, identificando diferentes saberes e compartilhando novos conhecimentos, sempre alertando para a importância da participação e do diálogo para

---

<sup>7</sup> O processo de criação de Reservas Extrativistas, bem como sua implementação no cotidiano, apresentam inúmeros problemas que vão desde a compreensão de pertencimento a uma RESEX por parte dos moradores, até os limites impostos por lei para o uso dos recursos naturais, passando por distintos conflitos históricos, econômicos e sociais. O objetivo do presente artigo, entretanto, não é o de aprofundar essa discussão.

<sup>8</sup> É importante lembrar que essa experiência esteve circunscrita a um trabalho técnico de consultoria. A opção por trabalhar com Educação Popular foi escolhida em função da crença de que essa teoria do conhecimento é a que mais coaduna com a busca democrática por emancipação e fortalecimento comunitários.



garantir uma melhor compreensão da realidade em que vivem, historicamente construída, a fim de poder nela intervir criticamente. Como afirma Freire:

Desde o começo mesmo da luta pela humanização, pela superação da contradição opressor-oprimidos, é preciso que eles se convençam de que esta luta exige deles, a partir do momento em que a aceitam, a sua responsabilidade total. É que esta luta não se justifica apenas em que passem a ter liberdade para comer, mas “liberdade para criar e construir, para admirar e aventurar-se. Tal liberdade requer que o indivíduo seja ativo e responsável, não um escravo nem uma peça bem alimentada da máquina. Não basta que os homens não sejam escravos; se as condições sociais fomentam a existência de autômato, o resultado não é o amor à vida, mas o amor à morte” (Freire, 1977, p.59).

As palavras geradoras remetiam à organização social (família, comunidade); às práticas de subsistência e renda (coleta, caça, roça, pesca); às formas de comercialização (regatão, caro, barato); aos recursos naturais (babaçu, copaíba, castanha); aos riscos à floresta (fumaça, lixo); aos papéis sociais (homem, mulher) e às instancias decisórias (associação, conselho, voto), entre outras.

### **Desafios numa sociedade globalizada**

Os Conselhos Deliberativos foram formados pautados numa relação horizontal em que uns e outros se beneficiaram, sem instrumentalizar o processo educativo, mas implicando-se e comprometendo-se com ele. A atuação de ribeirinhos e ribeirinhas nesses espaços decisórios vem sendo engajada e comprometida, com uma consciência crítica crescente sobre seus direitos e deveres como cidadãos residentes em RESEX.

Como resultado de suas pressões e deliberações nos Conselhos, duas escolas foram instaladas na região, uma em cada unidade de conservação. O desafio atual é, para além de seguir buscando a garantia de direitos, pensar e refletir como esses direitos podem atender, de maneira orgânica, as demandas locais. O modelo de comunidades aprendentes proposto por Brandão parece ser o que melhor se encaixa numa proposta de educação escolarizada nas RESEX em que trabalhamos. Se o que se pretende com essas unidades de conservação é valorizar e preservar o modo de vida tradicional, a escola não pode romper com as formas

tradicionais de ensino e aprendizado que se fundam nas relações familiares e, a partir delas, se ampliam a outros espaços.

Sabe-se que o modelo globalizado de socialização é predatório, degradante, excludente e não sustentável, diametralmente oposto ao modelo existente nessa região.

Faz-se necessário um modelo escolar que respeite as formas de vida tradicionais e os saberes essenciais para sua reprodução cultural, social, religiosa e ancestral, o qual somente pode partir da própria comunidade que se educa.

Nessa busca, atualmente, estamos comprometidos, comunidade e educadores externos.

### **BIBLIOGRAFIA:**

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Comunidades aprendentes. In: FERRARO Jr., Luis Antonio (org.). **Encontros e caminhos: formação de educadoras(es) ambientais e coletivos de educadores**. Brasília: MMA, Diretoria de Educação Ambiental, 2005, p. 83-92.

DIEGUES, A. C. O mito moderno da natureza intocada. São Paulo: Ed. Hucitec.2001, 161p.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

FREIRE, P. *Educación y acción cultural*. Bilbao: Zero, S.A. 1979, 121p..

FREIRE, P. **Ação Cultural para a Liberdade**. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

GARNELO, Luiza; SAMPAIO, Sully. Globalização e ambientalismo: etnicidades polifônicas na Amazônia. **Hist. cienc. saude-Manguinhos**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 3, 2005. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-59702005000300007&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702005000300007&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 04 Ago 2008. doi: 10.1590/S0104-59702005000300007

LEI FEDERAL N. 9.985, de 18 de Julho de 2000 (SNUC). **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 19 jul. 2000. Seção 1, p 01 – 06.

PORTO GONÇALVES, Carlos Walter. **Amazônia, Amazônias**. 2. ed., 1ª. reimpressão – São Paulo: Contexto, 2008, 178p.

SALAZAR, M. (org.); NEVES, L.; REIS, Alan; SANTOS, R.; SIQUEIRA C.; STRAATMANN, J.; VASCONCELOS, V.. **Diagnóstico socioeconômico, cadastramento e formação do conselho deliberativo da Resex Riozinho do Anfrísio**. ICMBio, Altamira, PA. 2008, 154p.

SALAZAR, M. (org.); NEVES, L.; REIS, Alan; SANTOS, R.; SIQUEIRA C.; STRAATMANN, J.; VASCONCELOS, V.. **Diagnóstico socioeconômico, cadastramento e formação do conselho deliberativo da Resex do Rio Iriri**. ICMBio, Altamira, PA. 2008, 152p.

TORRADO, S.S. **Educación de Adultos y calidad de vida**. 1. ed. Barcelona: El Roure Editorial, 1991, 125 p.

WHITAKER, Dulce C.A. e Fiamengue, Elis C.. Ciência e Ideologia: as armadilhas do preconceito. In Whitaker, Dulce. **Sociologia Rural: questões metodológicas emergentes**. Presidente Wenceslau, São Paulo: : Letras à Margem, 2002 (pp. 19-32).

WHITAKER, Dulce Consuelo A. e Bezzon, Lara Crivelaro. **A Cultura e o Ecossistema: reflexões a partir de um diálogo**. Campinas, São Paulo: Editora Alínea, 2006.